

NÍVEIS DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO - OS NÍVEIS DE PROFUNDIDADE

Valquíria Claudete Machado Borba¹

valmborba@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O estudo da Psicolinguística desperta o desejo de aprofundar o conhecimento dos processos cognitivos relacionados à leitura, às estratégias usadas pelo escritor e pelo leitor de forma que a codificação, re-codificação seja feita com sucesso.

O presente trabalho tem como objetivo verificar a aplicação da classificação dos níveis de construção do sentido, especificamente, segundo o critério da profundidade de compreensão apresentado por Poersch (1994). Esse estudo propõe-se, também, a proporcionar ao professor subsídios para mostrar ao aluno o porquê, às vezes, é difícil para o leitor compreender textos em toda a sua extensão e, assim, incentivar o aluno a escrever tendo em mente o provável leitor do seu texto. Dessa forma, o aluno poderá perceber o quanto é importante dar pistas para que o leitor chegue o mais próximo possível do sentido da mensagem que o escritor quis passar.

Na primeira parte, situa-se a parte teórica, consistindo na apresentação de algumas reflexões sobre a leitura e na definição dos níveis de profundidade de sentido.

A segunda parte apresenta a análise de uma crônica de acordo com os níveis de profundidade de compreensão (sentido) estudados.

¹ Mestranda em Letras (Linguística Aplicada) / PUCRS; pesquisadora CNPq.

Na conclusão, são examinados os resultados da análise e tecidas algumas considerações a respeito do processo de leitura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ler envolve muito mais do que apenas identificar as palavras escritas numa seqüência frasal. A interpretação de um texto vai além do que está explícito e dependerá das pistas que o escritor dá, da experiência do leitor e do momento que envolve a escritura.

Conforme Poersch e Muneroli (1993),

...as conexões entre leitura e escritura são explicadas, em parte, pelos aspectos sócio-pragmáticos da língua, aspectos que consideram o ato de interação lingüística como o resultado de um empreendimento cooperativo. Escritor e leitor devem estabelecer entre si certas convenções. De acordo com essas convenções, o leitor espera encontrar no texto as pistas que o orientem na construção do sentido pretendido pelo autor...

Dessa forma, o leitor espera por pistas, dadas pelo escritor, que o auxiliarão na compreensão do texto. Compreensão essa que é o objetivo intrínseco da leitura e que envolve recordar e aprender, relacionando conhecimentos novos com antigos.

Na construção do sentido de um texto observam-se os seguintes níveis: de abrangência (lexical, frasal, textual) e de profundidade (explícito, implícito, metaplícito), sendo esses o objeto de estudo do presente trabalho.

O segundo nível refere-se aos dados que estão expressos no texto, aos dados que devem ser lidos embora não estejam escritos e aos dados externos ao texto, baseados no contexto e que são necessários para a construção do sentido.

Com referência aos dados expressos no texto, temos o **conteúdo explícito**, “corresponde àquilo que o autor diz claramente. É o que está expresso nas linhas do texto; corresponde ao que efetivamente está escrito.” (Poersch, 1994, p. 168) Neste caso, a língua é apenas um código usado numa atividade de mera codificação, numa atividade automática.

Já o **conteúdo implícito** “corresponde àquele sentido que deve ser lido embora não escrito.” (Ibid., p.168) Esse conteúdo faz parte do texto, embora não esteja lá, e é recuperável pela elipse, pressuposição ou inferência, ou seja, é recuperável a partir do que está escrito. Essa recuperação se dá a partir dos dados expressos e do conhecimento que o leitor tem da língua como código e como produto cultural. (Ibid, p.168)

Nesse nível, se faz necessário uma distinção entre pressuposição e inferência, pois são dois conceitos que causam dificuldade de distinção, sendo muitas vezes confundidos.

A **pressuposição** é sempre óbvia. Não é um dado novo, é um dado de entrada (insumo), um conhecimento ativado. Ela é ligada ao código (esquemas, conhecimento lingüístico) e relaciona-se com a recordação (conteúdo dado), apresentando um processo automático de memória.

Já a **inferência** não é óbvia, é uma ligação a ser construída, é um produto (dado de saída). É esporádica, ligada ao contexto (texto, conhecimento de mundo) e relaciona-se com aprendizagem (conteúdo novo), envolvendo a atividade de raciocínio.

Por último, o **conteúdo metaplícito** (ou melhor dizendo, **ultraplícito**) é “aquele que só pode ser construído mediante a situação de comunicação; só pode ser construído pelo leitor que tem conhecimento do contexto.” (Ibid, p.169). Assim, não é qualquer leitor que consegue construir esse sentido, pois isso depende da informação que o leitor tiver sobre o a situação em que está inserido o ato de comunicação. É necessário ter dados externos ao texto para construir o sentido, dados relativos ao escritor, ao leitor, à situação (quando, onde, por quê, como).

Sendo que a compreensão (leitura) segundo Poersch & Amaral, 1989,p 77, constitui

...um processo ativo de comunicação que leva o leitor a construir, intencionalmente, em seu próprio cérebro, a partir da percepção dos signos gráficos, e da ajuda de dados não-visuais, uma substância de conteúdo o mais equivalente possível àquela que o escritor quis expressar, através de uma mensagem verbal escrita,

o estudo dos níveis de profundidade possibilita verificar a leiturabilidade de um texto (maior ou menor facilidade que um texto apresenta para ser lido, compreendido).

ANÁLISE DE UMA CRÔNICA DA MARTHA MEDEIROS

Pai Nosso

Não nos deixai cair em tentação de fingir que nada acontece

(Texto publicado na página do jornal Zero Hora no dia 08/08/99.)

Pai Nosso que estais no céu, dê uma espiada aqui para baixo e veja com seus próprios olhos: as coisas continuam bem para quem está bem e seguem um descabro para quem sempre esteve mal. Anda cada vez mais difícil acreditar que alguém um dia terá

competência para acabar com a miséria, os homens andam desacreditados, as mulheres desenxabidas e as crianças sofrem em jejum.

Santificado seja o vosso nome que tem sido usado em vão para nominar outros deuses que habitam a Bahia e o Planalto, que habitam palácios e manchetes, que nada mais fazem do que transferir o poder uns para os outros e inventar frases que serão reproduzidas nos jornais mas que só alteram para pior a trajetória de quem não sabe ler.

Venha a nós o vosso reino que parece um lugar clássico e de bom gosto, onde harpas estão em primeiro lugar nas paradas em vez Reginaldo Rossi, um lugar onde as pessoas não perdem a cabeça por causa de uma freada e nem matam a família por causa de uma enxaqueca, um lugar onde todos têm saúde e a previdência funciona e, o que é melhor, é cobertura.

Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu,, mas principalmente na terra, onde tem mãe vendendo filho para pagar dívida de aluguel, pai dando sopa de capim para recém-nascido, criança que não sabe juntar uma letra com outra e que fica impossibilitada para sempre de trabalhar, viver e sonhar, essas coisas terrenas.

O pão nosso de cada dia nos daí hoje, amanhã, terça, quarta e quinta, nos daí também leite, feijão, tomates e um pouco de fé, e se o senhor não puder entregar pessoalmente, mande um de seus emissários, quem sabe o Fernando Henrique, que sabidamente não acredita no Senhor mas que deveria ao menos acreditar nele mesmo, ou no que ele foi um dia.

Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não são poucos: nos ofendem os diretores de hospitais que não conseguem manter seus médicos nos plantões, nos ofendem os ministros que fazem olho branco para a verba desviada, nos ofendem os que não querem mudar o país e ofendo a mim mesma, iludida de que escrever ajuda, ajuda quase nada, e seu perdão ainda menos.

Não nos deixei cair em tentação de fingir que nada acontece, que o país está progredindo e que temos muito o que comemorar nesses 500 anos de atraso, corrupção e excesso de malandragem instituída e aceita como traço de personalidade, livrai-nos de perder o bom senso e a atenção, livrai-nos desse ceticismo que a cada dia se justifica e de todo o mal que temos feito a nós mesmos, amém.

Na crônica de Martha Medeiros, escrita em 08 de agosto de 1999, é possível verificar os níveis de profundidade estudados e, a partir deles, observar a leiturabilidade do texto, que pode variar de acordo com o conhecimento prévio de cada leitor.

Inicialmente, verifica-se o que está expresso, explícito: no texto, a autora faz referência à oração Pai Nosso, relacionando-a à situação em que o país vivia na época. Ela critica os governantes, a situação social que o país vivia e faz um apelo para que as pessoas, ela inclusive, façam algo para pararem de fazer mal a si mesmas com atitudes que não correspondia ao que de fato acontecia. Isso está no texto de forma clara, está escrito.

Implicitamente, ela fala do Brasil (espiada aqui pra baixo), dos ricos (quem está bem), da população pobre (quem sempre esteve mal), dos políticos (deuses que habitam a Bahia e o Planalto), dos analfabetos (quem não sabe ler, criança que não sabe juntar letra com a outra e que fica impossibilitada para sempre de trabalhar, viver e sonhar), dos cantores bregas (em vez de Reginaldo Rossi), da violência sem limites (um lugar onde as pessoas não perdem a cabeça por causa de uma freada...), do sistema previdenciário deficitário (todos têm saúde e a previdência funciona), da miséria (mãe vendendo o filho para pagar aluguel,...), da fome (crianças sofrem em jejum; nos daí também leite, feijão, tomates), do presidente (Fernando Henrique), de todos que têm cargos importantes e que influenciam a vida das pessoas e não cumprem como deveriam seus papéis, prejudicando assim o povo (diretores de hospitais que não conseguem manter seus médicos nos plantões, nos ofendem os ministros que fazem olho branco para a verba desviada, nos ofendem os que não querem mudar o país) e de cada leitor, indivíduo representado na própria pessoa da autora, que se sente incapaz diante da realidade cruel que vislumbra (ofendo a mim mesma, iludida de que escrever ajuda) e da corrupção que estava instituída (500 anos de atraso, corrupção e excesso de malandragem instituída). Todos os dados aqui listados são ativados pelo texto, são conteúdos dados que são recordados com a leitura, são óbvios, embora não expressos, sendo pressuposições.

Ainda, observam-se inferências como a de que o presidente do Brasil, na época, era incompetente. Se ela diz que é “difícil acreditar que alguém um dia terá competência para acabar com a miséria”, infere-se, raciocinando, de acordo com o contexto e o conhecimento de mundo que o presidente não é competente, embora não esteja dito. Também, infere-se que os políticos, na época, eram contra o povo, pois se só transferiam o poder uns para os

outros e inventavam frases difíceis para ler, então não faziam nada para o povo, logo estavam contra o povo e a favor de si mesmos. Para um leitor pobre que não conhece uma cobertura, pode inferir que é um lugar bom, pois é considerado no texto o lugar onde o céu está, logo se o céu é bom, uma cobertura também é. Uma criança que não aprende a ler não tem futuro, pois se fica “impossibilitada de trabalhar, viver e sonhar”, não vive, logo não conseguirá um padrão mínimo de sobrevivência, será sem futuro. Se Fernando Henrique não acredita em Deus, ele é ateu. Essa pode ser uma inferência errada, mas segue o conhecimento de mundo das pessoas sobre religião. De acordo com a autora, as pessoas já teriam perdido o bom senso e atenção, logo teriam tornado-se más também e, por isso, tão culpadas quanto os citados anteriormente pelo estado do Brasil relatado na crônica. A inferência “é uma estratégia geral de adivinhação, com base no que é conhecido...Existe algum risco na inferência, uma vez que pode ser uma inferência errada. Mas, o risco ao não se fazer a inferência é ainda maior.” (Goodman, 1991, p.36). As inferências feitas a partir das informações contidas no texto, são uma busca da lógica do que está implícito, envolvendo, assim, uma aprendizagem a partir do que está exposto.

E, por último, baseando-se no contexto de produção do texto, tem-se os dados metaplícitos ou ultraplícitos, que auxiliam na compreensão do texto e que dependem do conhecimento do leitor. Por exemplo, conhecer um pouco da história da autora que começou como poeta e depois virou cronista, que é nova (37 anos na época de publicação da crônica), casada com um publicitário, mãe, que gosta de defender pontos de vista, que fala sem pensar, que gosta de viajar, que trabalha em casa, que têm seus textos adaptados para o teatro com sucesso, enfim, informações que ajudam a compreender o que ela quer dizer com seus textos, qual é sua postura diante da vida e que reflete no que diz (ZH, 16/08/1998 – Donna, p.4, 5). Isso mostra porque ela se sente tão à vontade ao criticar o governo, a administração do país. O contexto a que se refere o texto também é um dado importante, externo, que auxilia na sua compreensão. No caso do texto analisado, refere-se a um momento político-social do Brasil de extrema crise financeira, em que se falava em comemoração dos 500 anos do descobrimento quando, na verdade, lamentava-se o rumo que o país tomou, com índices inflacionários altos, desemprego, sistema precário de saúde, corrupção, fome, miséria. Relacionando o texto com o seu contexto sócio-cultural é possível entender a conexão da oração em prol de um país melhor, com melhores condições

de vida e menos hipocrisia. Ainda, sabendo o tipo de leitor do Jornal Zero Hora, coluna na qual a autora escreve semanalmente, pode-se ter clareza sobre seu objetivo de tocar as pessoas, cutucar, e também da seleção vocabular e estilo usados ao escrever.

CONCLUSÃO

Os estudos da psicolingüística referentes aos níveis de profundidade aplicados na crônica de Martha Medeiros, “Pai Nosso”, mostram a validade deles para compreender o processo de leitura, como a construção do sentido é processada no cérebro do leitor com o recurso da memória. A aplicação dos níveis de profundidade explícito, implícito e metaplícito ou ultraplícito indicam que a compreensão leitora é um ato de construção e de integração. Também, é possível verificar que a leitura pode variar de leitor para leitor, pois a compreensão do texto dependerá da informação que cada leitor tem do mundo a sua volta, do assunto tratado no texto, do contexto do mesmo. Assim, se o professor trabalhar em sala-de-aula esses níveis de profundidade, mostrando aos alunos sua importância para a construção de um texto, os auxiliará a se tornarem melhores escritores na medida em levarão em conta, no ato da escritura, não só o sentido que querem transmitir e o código, mas também o leitor. Com isso, os alunos utilizaram melhor os recursos da linguagem e farão do uso de pistas adequadas um auxílio importante e constante a ser considerado para auxiliar na compreensão do texto pelo leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. GOODMAN, K. S. (1991). Unidade na leitura – um modelo psicolingüístico transacional. *Letras de Hoje*. Porto Alegre.
2. MEDEIROS, Martha. **Pai Nosso**. Disponível em: <http://zh.com.br/coluna/martha/pagina1/htm> , acessado em: 08 ago. 1999.
3. POERSCH, J.M. (1994). A coerência entre proposições: seu papel na compreensão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 26. Campinas.
4. _____; AMARAL, Marisa Porto do. (1989). Como as categorias textuais se relacionam com a compreensão em leitura. *Veritas*.

5. _____; MUNEROLI, Alda N. O. (1993). O leitor como intérprete das pistas que o escritor insere no texto: a leitura oral expressiva. *Letras de Hoje*. Porto Alegre.
6. SIMON, Sandra. (1998) Perfil – lições de vida que não morrem, Martha Medeiros vira ídolo entre os estudantes e se diverte com sua nova condição de pop star da crônica. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 de agosto. Donna, p. 4 – 7.